Breve Notícia de Como a Fotografia Chegou no Brasil (Robério Braga)



Não há como tratar do assunto, ainda que de forma resumida, sem começar pelo viajor chegado em 1840, no Rio de Janeiro, na corveta franco-belga L'Orientale, o capelão Louis Compte que trazia consigo a mágica máquina da daguerreotipia, uma invenção dos franceses Joseph Nicéphore Niepce e Louis-Lacques Mandé Daguerre.

Deve-se imaginar quanto seria enriquecedor se pudéssemos conhecer o que teriam dito nos poucos corredores solenes da capital do Império, os que viram as primeiras exposições de 17 de janeiro de 1840, no Hotel Pharoux, no Largo do Paço, quando se depararam com o requinte daquela modernidade: a fotografia.

O cronista do jornal diário registrou a facilidade com que era possível obter "a representação dos objetos de que se deseja conservar a imagem...", e seguiu narrando as proezas do vistoso instrumento que em poucos nove minutos registrara o chafariz do Largo do Paço, a praça do Peixe, o mosteiro de São Bento, "... e todos os outros objetos circunstantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a cousa tinha sido feita pela própria mão da natureza, e quase sem intervenção do artista".

Estes preciosos guardados entre as relíquias da família imperial brasileira, já em 1946 foram recolhidos no castelo D'Eu, certo porque naquele tempo encantaram o Imperador e suas Altezas Imperiais, quando lhes foram mostrados sob o silêncio de outros tantos cronistas que atuavam na capital. Entusiasmado, aos 14 anos de idade (1840), o Imperador D. Pedro II, em março daquele ano, adquiriu um dos aparelhos que surgira, comprando-o diretamente a Felicio Luzaghy, por 250 mil réis, possivelmente a primeira máquina desta arte em mãos brasileiras.

E quantas mãos ágeis foram utilizando a bela invenção, por todas as épocas, para deixar patente a memória brasileira sob o foco das câmaras de luz? Há magos e artistas sonhadores, os que só registram, os que retratam e os que encantam com o brilho que entusiasma ainda que centena de anos depois. Em todos, o princípio de que a fotografia é um documento vivo e permanente.

E a fotografia foi arrebatando interessados em todos os setores da vida daqueles anos perdidos. Os pintores, artistas do traço, aderiram ao movimento de que foi pioneiro o pintor alemão Francisco Napoleão Bautz, chegado ao Brasil em 1839 e que logo em 1846 anunciava a sua adesão ao daquerreótipo, na loja que possuía na rua do Cano, 146, atual rua Sete de Setembro, no Rio de Janeiro, cujo anúncio comercial possibilita reconhecermos a rápida evolução técnica e do equipamento que já permitia fosse cumprido seu papel em apenas um minuto.

E desde então passaram a surgir as oficinas que tiravam e vendiam retratos, em fumo e coloridos, e os professores de fotografia, e os especiais fotógrafos aos quais o Imperador permitia o uso das armas imperiais na fachada da oficina, como foi possível conhecer ali pela rua dos Latoeiros, depois rua de Gonçalves Dias, na capital.

W.R. Williams, Beauvelot, Duprat, Guilherme Telfer, os húngaros Birany e Kornis, e outros mais contribuíram para o conhecimento e evolução da técnica na Corte brasileira e o crescimento dos especialistas em fotografia . Em 1864 já tínhamos cerca de trinta destes artistas instalados no Rio de Janeiro. Há famosos e obras que ainda se revelam primas. Dentre esses o alemão Revert Henrique Klumb e Joaquim Insley Pacheco.

E por aí seguem os sucessos do novo invento dando forma e cor definitiva à paisagem brasileira, às praças, àelite, em registros que valem por si e pela preservação do tempo no grato registro do documento fotográfico, ainda que os equipamentos de então possam ser considerados rudimentares diante da alta tecnologia e popularização das máquinas hoje dispostas nas esquinas. Ainda assim, é preciso sensibilidade e mesmo com todos os truques das máquinas moderníssimas, faz-se a fotografia, mas a arte da foto resta preservada a poucas lentes.

E os olhos expressivos, as poses compostas, os detalhes bem demonstrados, as palmeiras em balanço, os monumentos das cidades ou o traço simples do casario modesto, as folhas derrubadas, o lixo aglomerado, o carvoeiro tisnado, o instantâneo para o jornal, o improviso que alcança o incauto e o distraído, a solenidade das festas, as roças, as obras urbanas, os folguedos populares, os deuses e os mitos que assanham multidões, em tudo e por todos os cantos o milagre da fotografia é capaz de desnudar, até o que restar sob as vestes seculares, como o que possa servir de prova e estudos nos laudatórios processos que porfiam entre si em busca da verdade do crime.

E tudo vejo com os olhos que conhecem a floresta e são lavados pela imensidão dos rios de água límpida, bem da cidade do povo manaós, de cuja belle époque a fotografia registrou mitos, lendas, paragens, orgias e misérias. Pelo rincão do norte não faltaram o gênio e a criação, e a mesma arte fez-se nas matas, seringais, cidades, saraus e mundanismos, pelos anos 1900, pouco antes e além depois, em falas que mesclavam alemão, inglês, francês e português dos lusos.

É gratíssimo registrar que neste particular esposamos a história de um grande vulto: Silvino Santos, fotógrafo e cineasta, português da aldeia de Sernache de Bomjardim, aqui chegado pelos 14 anos de idade e pouco depois, valendo-se de uma máquina 13X18 varou o interior da Amazônia, seguindo também para Iquitos com o fotógrafo Leonel Rocha e após idas e vindas, ficou estabelecido em Manaus ao tempo do esplendor da economia da hévea.

O país das amazonas mereceu o registro fotográfico da alma portuguesa embrenhada nas selvas, transformando-se, sem saber e desejar, no maior documentarista visual da Amazônia de cujas lentes guardam-se centenas de negativos em vidro, prontos a revelar o apogeu e a decadência da região.

Este o artista que Márcio Souza classificou como “ ...o poeta da técnica, o único caso de criatividade numa época de mórbida imitação...”, encantado em 14 de maio de 1970,

depois de realizar milhares de fotografias, nove longra-metragens, cinqüenta e sete documentários de média e curta metragem e uma série de vinte e seis filmes de família, e que deve figurar entre os gênios do seu tempo.

A fotografia documenta o objeto da produção artesanal, registra a sua concepção, linhas, formas e detalhes que o enriquecem e melhor identificam. Ao mesmo tempo o expõe como peça de consumo, de uso comum das populações dos sítios de produção e, também, como exemplar de identificação dos valores inventivos do homem brasileiro, ou seja, de identidade cultural.

Nota:

O texto, com ampliações e pequenas modificações, fez a apresentação ao livro Arte Brasileira, editado em 1999, com trabalhos de arte popular de várias regiões do país.

Foto: Louis Compte, Rio de Janeiro, 1840 - 1º daguerreótipo tirado na América do Sul.



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

